

Paixão, Razão e Liberdade: LA VIDA ES SUEÑO de Calderón de la Barca

Passion, Reason and Liberty: LA VIDA ES SUEÑO de Calderón de la Barca

Salustiano Álvarez Gómez*

Introdução: A figura histórica de Pedro Calderón de la Barca

Pedro Calderón de la Barca, nascido em Madri em 17 de janeiro de 1600 e falecido em 25 de maio de 1681, era filho de Diego Calderón de la Barca, funcionário público bem situado e dona Ana Maria de Henao y Riaño. Estudou Teologia no Colégio Imperial de Madri e ingressou posteriormente nas universidades de Alcalá e Salamanca. Mostrou desde cedo sua vocação literária.

Ao que tudo indica, teria participado, em sua juventude, das guerras travadas pela Espanha na Europa Mas em 1625 está de novo em Madri com uma vida bastante ativa e impetuosa. Entre suas aventuras está o duelo até a morte com um ator de teatro, Pedro de Villegas, que havia ferido traiçoeiramente um dos irmãos de Calderón. Incorporado de novo aos Tércios, lutou em Milão e Flandres até seu regresso à Espanha em 1629 para dedicar-se por inteiro às atividades literárias. Tornou-se favorito do público e da Corte, chegando a ser nomeado dramaturgo oficial da Corte, cargo anteriormente ocupado pelo grandioso Lope de Vega, posto privilegiado que conservou sem disputa. Sua maturidade dramática dá-se no terceiro decênio do século, e em 1635 tinha já composto peças mestras como *La vida es sueño* ou *El príncipe constante*.

Desde então, sua existência transcorreu placidamente na Corte apoiada pela admiração do público e pelo favor real. Voltou a participar como soldado e membro da Ordem de Santiago contra o alçamento catalão, que não aceitava a política do Conde-Duque de Olivares (1640). Deixou definitivamente a milícia em 1642.

Em 1651, cansado da vida mundana e decidido a pôr em ordem seus assuntos espirituais, abraçou o estado eclesiástico, ocupando algumas capelanias. Regressa a Madri em 1663, sendo nomeado capelão de honra de Felipe IV e, três anos mais tarde, capelão maior da Congregação de Presbíteros de Madri. Com a morte do rei em 1665, as representações palacianas sofrerão uma

Texto apresentado no *Convite ao Pensar*, em 10 de março de 2012.

*Professor do Departamento de Filosofia do Instituto Dom João Resende Costa da PUC Minas.

interrupção de cinco anos. Mas continuou sendo o encarregado oficial da preparação dos autos para o dia do Corpus, posteriormente publicados em 1677 (ao todo doze peças).

Em Maio de 1681, quando está acabando de compor os autos destinados ao *Corpus* desse ano, Calderón morre e é enterrado com todas as honras. Seu cadáver, revestido de ornamentos sacerdotais e do hábito da Ordem de Santiago é levado, de acordo com as próprias palavras de seu testamento, “descoberto, por se merecesse satisfazer em parte as públicas vaidades de minha mal gastada vida”.

Calderón representa a cume das artes cênicas de um período único. Sua estátua, erigida em 1881 na Plaza de Santa Ana de Madri, curiosa e simbolicamente está na frente do Teatro Espanhol, onde estava o antigo *Corral del Príncipe*.

1. Argumento e personagens de LA VIDA ES SUEÑO

A obra se inicia com a violenta entrada em cena de Rosaura que, disfarçada de homem e acompanhada pelo engraçado Clarín, chega à Polônia com o propósito de provar sua origem nobre depois de ter sido abandonada por Astolfo, que a considerava de origem ilegítima. Cai do seu cavalo junto a uma torre na qual escuta as queixas de alguém que considera sua condição miserável. Trata-se de Segismundo, que ao descobri-la tenta matá-la. Mas chega nesse instante Clotaldo, tutor de Segismundo e pai de Rosaura (que ignora este fato). É ele, reconhecendo sua filha pela espada que carrega, quem acolhe a jovem no palácio do Rei Basílio.

Depois de um diálogo entre os primos Astolfo e Estrella, ambos candidatos à sucessão do trono do seu tio Basílio, o rei discursa para seus assessores e seus dois sobrinhos presentes. Basílio conta a verdadeira origem de seu filho Segismundo, a quem aprisionou desde seu nascimento por causa da predição de um horóscopo que anunciava a revolta de Segismundo contra ele, tomando-lhe seu trono. Basílio decide narcotizá-lo e trazê-lo ao palácio para pôr à prova seu comportamento. Estrella e Astolfo serão declarados herdeiros, após casar-se, caso Segismundo confirme o vaticínio do horóscopo.

Rosaura passa a ser, na corte, dama de companhia de Estrella e, através de diversos estratagemas, descobre o duplo jogo de Astolfo e o cargo de Clotaldo. Já no palácio, Segismundo adota um primeiro comportamento tirânico, subjugando a todos e chegando ao extremo de lançar um servo pela janela. Basílio e Clotaldo decidem dar fim ao experimento devolvendo-o à torre, sob o efeito de um sonífero e fazendo-o crer que tudo foi um sonho. O exército, porém, em nome do povo, nega-se a aceitar um herdeiro estranho e se insurge, invadindo a torre para libertar seu verdadeiro príncipe.

Comicamente é confundido, num primeiro momento, com Clarín, preso também por Clotaldo, devido a sua intenção interesseira e chantagista. Segismundo assume o comando do exército e Rosaura se prontifica a lutar junto com ele, pedindo-lhe que a ajude a reparar sua honra frente a Astolfo. Na luta, morre Clarín. Segismundo, proclamado rei, e aprendida a lição da necessidade da prudência que exigem as circunstâncias, manda encerrar na torre o soldado rebelde que proclamou a revolta contra o monarca. Perdoa a Basilio e Clotaldo, o qual dá a conhecer a paternidade de Rosaura como sua. Segismundo decreta o casamento de Rosaura com Astolfo, salvando a honra dela e fazendo Astolfo cumprir sua palavra. Ele próprio contrai matrimônio com Estrella, enquanto, contra o presságio anunciado (e com ele contra todos os presságios), mostra sua capacidade de liberdade e se torna um prudente e justo rei.

Calderón mostra nesta obra uma dupla ação: a história de Segismundo, que pode parecer principal, e a história de Rosaura que, em consequência, pode parecer secundária. Mas ambas se complementam e se desenvolvem de forma paralela, sobretudo desde o ato III. À primeira vista parece que são duas histórias independentes, porém os temas coincidem, assim como os personagens implicados (Clotaldo, Astolfo), a busca pela sua identidade, suas penas e a negativa a um destino traçado. Respeitando os personagens na sua ordem de aparição, temos os seguintes participantes:

ROSAURA, dama que, num primeiro momento, aparece disfarçada de homem

CLARÍN, cômico e escudeiro de Rosaura

SEGISMUNDO, príncipe

CLOTALDO, idoso, tutor do príncipe e pai de Rosaura

ESTRELLA, infanta e possível rainha, prima de Segismundo

ASTOLFLO, infante e possível príncipe e rei, primo de Segismundo

BASILEO, rei idoso, estudioso dos astros e afeiçoado a profecias

GUARDAS, SOLDADOS, CRIADOS E MÚSICOS

2. Assunto e fontes de “LA VIDA ES SUEÑO”

O príncipe Segismundo duvida da realidade do mundo ao seu redor alguns anos antes que Descartes se pergunte também se o mundo é uma ilusão; mesmo quando este personagem de Calderón se resigna a não saber se sonha ou está desperto, está entregando-se já à única solução que mais adiante

proporá Kant: “o espaço e o tempo pertencem à realidade só como parte da mente, como intuições com as quais as percepções são medidas e valoradas”.

La vida es sueño é o grande drama filosófico do século XVII, quando a preocupação intelectual e moral é profunda expressão do espírito europeu da época. Calderón compôs este drama em 1635, quando tinha alcançado sua maturidade. Para esta obra, Calderón utilizou elementos e fontes que já existiam na época:

1. O conto de *El durmiente despierto*, de origem oriental, nas *Mil e Uma Noites* (Noites 620-641): Harúm Al-Raschid, agradecendo a hospitalidade do comerciante Abul-Hassan, adormece-o e o traslada ao palácio. Abul desperta na própria cama do califa e ocupa seu papel comportando-se com excelente tato e prudência. Ao despertar, todos acham que ele está louco até que o próprio Harúm-Al-Raschid esclarece a situação. Há derivações deste tema na literatura castelhana, como a de El Conde Lucanor. "De commo la onrra deste mundo no es sinon commo suenno que pasa". Nesta, o Rei e um ferreiro bêbado trocam provisoriamente seus papeis.

2. A lenda de Buda e sua adaptação cristã em La Leyenda de Barlaam y Josafat: o brâmane Anta prediz ao pai de Buda que seu filho não será um monarca poderoso; ao contrario, será um eremita. Tentando evitá-lo, o príncipe viverá num palácio longe de toda inquietude e miséria humana. Mas chega um dia em que ele encontra um velho doente, um enterro e um mendigo asceta, que provocam uma mudança na sua vida. Termina, realmente, sendo asceta também. A versão cristã da lenda se localiza originalmente no século VI no Afeganistão: ao pai do príncipe Josafat (temível inimigo do cristianismo) profetizam que seu filho acabará convertendo-se ao cristianismo. Mesmo sendo isolado desde criança, é educado secretamente pelo ermitão Barlaam e, de maneira semelhante ao que sucede na lenda de Buda, acaba assumindo o cristianismo. O tema, como expressão de uma educação influenciada pelo horóscopo, chegará ao século XIII como *Sendebat* o *Libro de los engannos et asayamientos de las mujeres* e, posteriormente, ao *Libro de los Estados*, de don Juan Manuel.

3. A tradição dos textos bíblicos, como o Livro de Jô, com alusões ao tema do sonho.

4. O mito da caverna de Platão, recolhido na sua República.

5. A doutrina espiritualista do estoicismo senequista, fomentada pela escola jesuíta que a aproxima da mentalidade cristã. Assim, por exemplo, a valorização da vontade do homem para superar o fatalismo, já que "mais forte que qualquer fortuna é nossa alma" e "algo se deixou ao livre arbítrio do homem". Também o frequente conceito da vida como cárcere ou sonho.

6. A literatura ascética, à que pertencia a idéia de conceber a vida como um sonho, algo que se ligava com um tema tão barroco como a inconsistência da vida.
7. A filosofia hindu que senta as bases no descrédito da experiência sensível, pela sua condição ilusória, através da imagem do sonho
8. A mística sufi persa, onde aparecem frequentemente as imprecações à vida e as queixas por ter nascido.
9. A visão da vida como sonho e como tragédia, tema herdado da meditação medieval sobre os últimos momentos da vida. No século XVII todas as artes se sentem atraídas por esta visão atormentada e transcendente.
10. Os mitos primários como o de Urano e o de Édipo, e sua relação com o conflito pai-filho. A figura emblemática de Basílio (basileus, tirannos, detentor do poder) se relaciona com os mitos de Zeus, Cronos e Urano, no sentido da destruição ou devoração do pai, temeroso da perda de seu poder.

3. Análise de LA VIDA ES SUEÑO

Calderón de la Barca, como já indicamos, dramaturgo da Corte depois da morte de Félix Lope de Vega Carpio, traz à literatura espanhola uma forma original e especial de manifestar os sentimentos e de expor as causas que movem as ações dos homens. Continuador do cargo que anteriormente exercia Lope de Vega, seu teatro, ainda que seja um pouco diferente nas suas expressões conceituais e mais profundo nas suas reflexões, é considerado como o “segundo ciclo” do teatro do século XVII. Calderón de la Barca é, curiosamente, continuação e novidade no cargo de Lope de Vega e continuação e novidade do estilo teatral anteriormente representado pelo mesmo Lope de Vega.

A abordagem que pretendemos realizar da LA VIDA ES SUEÑO escapa à mera análise linguística. Tentamos uma aproximação filosófica. O motivo principal é fazer uma releitura desta grande obra aproveitando o ambiente filosófico e científico dos séculos XVI e XVII. Europa vive um novo momento da Revolução Científica que faz repensar todos os paradigmas dogmáticos antigos e medievais. Copérnico, Bacon, Galileu, Descartes, Newton, Kepler e outros filósofos-cientistas

conseguem construir novos campos de conhecimento e métodos mais dinâmicos de aproximação à ciência natural, mecânica e humanista.

Dentro do mesmo sentimento filosófico, Descartes e Spinoza elaboram novas idéias que chegam a contradizer os antigos conceitos de *paixões e afetos*, idéias que veremos muito presentes em LA VIDA ES SUEÑO. É, especialmente, a partir destes novos modelos de pensar o homem, com seus desejos, fins e sofrimentos, que queremos refletir sobre a obra de Calderón de la Barca. Pretendemos nos aproximar dos conceitos de *sonhos, paixões, desejos, verdades, desenganos e enganos*, tão próprios e expressivos neste momento histórico.

Sem pretensão de aprofundamento nas outras artes, mas sem poder fugir de suas manifestações e de sua importância histórica e cultural, podemos enxergar elementos semelhantes na pintura, especialmente em outro artista da Corte, o pintor Diego Velázquez. Seu famoso quadro LAS MENINAS oferece um rico marco de reflexão, onde o pintor se auto-retrata fazendo com que o espectador tome ao mesmo tempo a posição do pintor e do rei. Velázquez expressa neste quadro as verdades que sente no seu íntimo e a vida ambígua e hipócrita do cotidiano da nobreza. Fá-lo utilizando tonalidades *claras e escuras* além de um estratégico *espelho*. Um espelho não é a mesma coisa que um quadro. O espelho, paralelamente, reflete e oculta algo. O rei, e com ele a nobreza, esconde verdades e nega realidades. Velázquez se pinta pintando. Mas ao mesmo tempo pinta a personalidade e impersonalidade dos outros, põe todos eles em evidencia diante dos possíveis espectadores. Há uma diferença entre o *olhar* e o *ver*.

A morte de Velázquez ocorre em 1660, vinte um ano antes da de Calderón. Ambos tiveram que viver um mundo cheio de intrigas, de mentiras e de aparências. Há interpretações do Barroco a partir destas características, querendo esconder a realidade e, entortando-a, ocultar o verdadeiro. Quevedo, na sua genialidade denunciadora e irônica, escreveu LOS SUEÑOS, com a única intenção de dizer grandes verdades, inventando um mundo *aparentemente* fora da realidade. Cervantes, especialmente no seu Quixote, atacará “*a razão da sem razão*” e fará percorrer a loucura por veredas espanholas e, logicamente, pelas veredas íntimas das loucuras da razão de uma sociedade cheia de contradições, falsas realidades, mentiras de faustosas honras e decadência de valores. Curiosamente Dom Quixote circula sua loucura livremente, sem navegar nas chamadas *barcas dos loucos* que, durante séculos, alguns países europeus utilizaram para encerrar aqueles que apresentavam sintomas de anormalidade, e

que eram afundados nos rios salvando a sociedade, com isso, dos loucos e de suas loucuras (Foucault, M. 1972, p 30, 269 ss, 549 ss)¹.

Da mesma forma, William Shakespeare se valeu de recursos semelhantes para denunciar a podridão do reino inglês. Se Shakespeare criticou as intrigas da corte inglesa fazendo passar sua ação teatral na Dinamarca (estamos nos referindo ao HAMLET), igualmente Calderón situará sua ação longe de Espanha, no Reino da Polônia. Utiliza recursos que façam pensar sem expor a integridade do autor. Mas os temas que apresenta são universais e necessários à sociedade e à nobreza, sobretudo a esta última, que tem obrigação de ser honesta, protetora dos pobres e exemplar em suas ações e desejos.

Calderón não parte da nada para refletir e fazer refletir. Na sua obra podemos claramente perceber, além dos escritos anteriormente indicados, assuntos presentes em tempos e sociedades anteriores. A preocupação filosófica e a jurídica se misturam, ingredientes marcantes e necessários. Acreditamos ser interessante analisar alguns deles.

3.1.A reflexão sobre o destino e a identidade

Recorrendo à história literária e mítica encontramos na Grécia Clássica um grande mito, representado também no teatro, e amplamente conhecido. Estamos nos referindo ao Mito de Édipo. Como no caso de Segismundo, Édipo é vítima de um presságio. Um oráculo negativo, sobre o futuro de ambos, marca profundamente suas vidas. Laio, o pai de Édipo, crê na profecia de que seu filho será causa de uma grande desgraça e de sua própria morte. Basílio, pai de Segismundo, crê igualmente na predição de um filho tirano e déspota, um mau rei incapaz de governar seu povo com justiça e sabedoria. O destino, pior ainda, o fatalismo do destino, é posto como tema de reflexão e de crítica.

Tanto Édipo como Segismundo são rejeitados e expulsos de suas raízes afetivas, originárias e naturais. Desde crianças são agredidos em seus afetos e sentimentos. Como consequência, os dois sofrem o drama de sua falta de identidade. Édipo tenta descobrir-se a si mesmo percorrendo um

¹ Na Renascença os portadores de doenças mentais tiveram uma clara segregação, que se dava, sobretudo num objeto que estava no imaginário social e que fazia parte das obras dos artistas, mas que de fato existiu: *A NAU DOS LOUCOS*. Essas grandes naves ficavam à deriva com as pessoas portadoras de doenças e sofrimentos mentais consideradas em estado de vagabundagem (como se fosse uma medida punitiva) nos mares e rios da Europa e se aportavam em lugares e momentos indefinidos numa errância característica e simbólica do sofrimento mental. *A NAU DOS LOUCOS* foi, portanto, o principal instrumento de segregação, exclusão, divisão e separação dos sofredores mentais da Renascença (Cfr. SILVEIRA, CAMILA LEMOS RIOS in ATA CIDADANIA, <http://www.atacidadania.org.br/artigos>)

caminho retrospectivo de sua vida que o leva a ser a causa da morte de seu pai, esposo de sua mãe, rei de seu povo e governante fracassado numa guerra fratricida contra seu próprio tio. O Mito de Édipo faz com que o presságio se cumpra e que se dê ao destino o valor de lei e verdade inevitável.

Com Segismundo o presságio provoca seu confinamento numa torre oculta e solitária, um reformatório, próprio para os loucos da época que começam a ser recolhidos e apartados da vida social. Segismundo sente o drama de seu fatalismo e de sua identidade: *teniendo más alma, mejor instinto, más albedrío, más vida, tengo menos libertad* (versos 130-160). Segismundo sente o drama da paixão, da lei e da razão (versos 161-165) para chegar à conclusão de ser demoníaco e monstruoso, *hombre de las fieras, fiera de los hombres* (verso 210). Mas, ao contrário de Édipo, Segismundo SUEÑA. Como na pintura dos claros e escuros velazquianos, Segismundo tem seus lados claros e escuros. Os sonhos entram em sua vida como possibilidades humanas, onde *El hombre predomina sobre las estrellas* (verso 1110) por ter *una condición primera* (verso 1110). O sonho, além de *la condición primera del ser humano*, *imagina, piensa y consuela*, sendo o *consolo la segunda condición* (verso 1140). O ser humano,

Podrá entender que sueño
y hará bien cuando lo entienda
porque en el mundo, Clotaldo,
todos los que viven sueñan. (Versos 1140-5)

No verso 3305, Segismundo esclarece como o sonho é realmente seu mestre. Até aquele momento, final da obra e da história de Segismundo, muitas coisas ocorrem relacionadas com o destino e a identidade. A condição necessária para encontrar a verdadeira identidade e conseguir superar as dificuldades é a humildade. Esta virtude faz com que ele possa negar e vencer o mal dos presságios e dos destinos marcados. A nobreza da época, orgulhosa e faustosa, carente desta virtude, nunca poderá encontrar a verdade.

3.2.A reflexão sobre a humildade e a fragilidade do tempo

Segismundo vive uma experiência singular. Seu sonho de rei poderoso e caprichoso, despótico e tirano lhe mostra a falta de consistência da riqueza e do poder. Da mesma forma que seu sonho é

limitado, a glória, a honra e o poder são igualmente limitados. O tempo é uma mínima parte da existência fugaz e efêmera. As virtudes do desapego e da generosidade aparecem como estrelas para guiar a vida dos homens. A realidade aparentemente sonhada cria o sonho de uma realidade diferente, humilde, em oposição e contradição aos desejos de domínio, de prazer e de poder.

O primo de Segismundo e aspirante a rei, Astolfo, é apresentado como a negação do exemplo de honestidade, proteção e virtude que a nobreza devia ter. Astolfo personifica o poder pelo poder, a paixão sem compromisso, a palavra não honrada. As paixões de Astolfo são egoístas. Da mesma forma que desejou Rosaura sexualmente, sem nenhuma paixão de amor, e comprometeu sua palavra em desposá-la, palavra não cumprida e até esquecida, deseja o poder monárquico sem sentir paixão pelo povo. Astolfo personifica o prazer do sexo e do poder. Seu casamento com sua prima, que é também prima de Segismundo, é simplesmente o casamento para garantir o poder, mas com ausência de amor e paixão.

As atitudes de Astolfo são contrárias às de Segismundo. Na realidade, Segismundo sofre uma transformação, “um novo parto”, ao despertar de seu sonho-aparente ou de sua verdade sonhada. A torre se converte num novo útero do qual surgirá um novo ser maduro pela experiência dos sonhos e do ideal de servir à sociedade. Os gritos dos soldados devolvem a Segismundo sua liberdade e o trazem de volta à realidade. O povo quer seu verdadeiro rei e pede que a verdade seja respeitada. Sabe que o desejo de poder é capaz de trazer consequências fatais para o Governo do povo. Pede-se que a verdade seja a norma de conduta última e que o rei seja justo e prudente.

Segismundo chega à conclusão da provisoriedade do mundo e do poder. O sonho fez dele um homem sábio e prudente. Calderón indica e defende a necessidade da humildade, nega a mentira dos presságios e do destino fatalista, reafirmando o senhorio do homem sobre sua vida. Não se pode marcar e definir a vida dos seres humanos. A liberdade é essencial. O destino não está marcado. Pode-se ser dono dos sonhos e de si mesmo, como Segismundo, capaz de operar mudanças na sua vida. Todo homem é o verdadeiro rei de si mesmo e pode alcançar liberdade, sabedoria e prudência em sua vida. O importante é não perder a humildade, a única que pode transformar e renovar os seres humanos. A humildade cria a paixão pela vida, pelo amor e pelo serviço, os ingredientes que transformam Segismundo.

3.3.A paixão de servir e amar

Voltamos ao histórico-filosófico da obra de Calderón, fruto de uma época em que as paixões ainda eram consideradas males endêmicos do ser humano. Basta lembrar Platão, importante pela sua influencia no cristianismo medieval. Ele entende Eros, protótipo das paixões, como déspota louco e tirano que, afortunadamente, se debilita com a idade e permite alcançar a paz e a liberdade na velhice (República, 329 c). Nesta visão platônica, não se pode esquecer a estrutura social que dela deriva, identificando as classes baixas da sociedade com o passional e irracional. Se as paixões pessoais devem ser submetidas e dominadas pelo racional, da mesma forma se deve dominar e submeter os pobres, escravos e trabalhadores braçais. No mundo greco-romano, os pensadores se mostraram negativos em relação à paixão e a tudo aquilo que não estivesse marcado pelo racional.

Deixando de lado o mundo helênico podemos lembrar alguns exemplos mais próximos à época de Calderón. O advento da Modernidade vem marcado, igualmente, pela negação à paixão. Michel Montaigne chega a indicar o desejo e a paixão como membro desobediente e tirânico que como um animal furioso, intenta pela violência de seu apetite submeter tudo (Montaigne, 1969, p 75). As paixões são entendidas e expostas popularmente como forças que agitam e sacodem constantemente, fazendo do ser humano um fantoche. Baltasar Gracián não foge a esta forma de compreensão considerando os afetos e as paixões como indicadores de servidão e fraqueza. Seu herói é comparado a uma fortaleza da qual não estão ausentes algumas pequenas portas de forma que conhecidos os afetos, são conhecidas as entradas e saídas de uma vontade dominada em todas as horas (Baltasar Gracián, 1996, p 9).

Na realidade, a Modernidade é uma exaltação do saber racional. Sua rejeição ao emocional e passional é diferente da atitude moralista do cristianismo medieval. Mas, autores como Descartes, Hobbes, Hume, Spinoza já começam a reconhecer que a razão não é fiel a si mesma se não reconhece o seu lado escuro. O século da Ilustração e das Luzes percebe que não há caminho para a luz sem passar pelas paixões, ou, o que é a mesma coisa, a necessidade de reconhecer o subsolo da razão, que é o mesmo fundamento do ser humano. As luzes têm que buscar-se no pré-racional e irracional. Há, sem dúvida, alguma coisa que antecede à razão e a conforma.

Calderón oferece em *LA VIDA ES SUEÑO* uma rica versão da nova forma de entender a complexidade do ser humano e de seus afetos, domínios, racionalidades, desejos e paixões. O presságio seguido pelo pai de Segismundo, Basílio, faz dele um louco e um monstro. Mas na obra de Calderón aparecem três elementos emergidos do lado escuro do ser humano que mudam a realidade pretendida.

Com eles Calderón faz uma crítica ao racional, reformatório, em definitivo, a tudo que aparece como preconceito. As novidades que aparecem e fazem de Segismundo um homem novo são, em primeiro lugar, o sonho, como mestre, ao qual já nos referimos anteriormente.

Em um segundo momento, a paixão do amor, que faz com que Segismundo tenha consciência da realidade. O resplendor sentido não pode ser mentira nem engano. A figura de ROSAURA merece uma atenção especial. Primeiro, por encarnar o antigo ideal de honra. Disfarçada de homem no início da peça, lembra temas clássicos da literatura mundial em que a mulher tem que fazer-se passar por homem (“as donzelas guerreiras” nas famílias nobres sem filhos varões, como Diadorim na obra de Guimarães Rosa, Mulam, etc.). Ao mesmo tempo, ROSAURA é um nome que aporta um elemento simbólico. Na realidade é um anagrama para indicar AURORAS. Calderón brincando com as letras, faz um jogo de claros e escuros, de emoções, de sentimentos e de sentidos. O mesmo pseudônimo que utiliza na peça é ASTREA, que significa ESTRELA em grego. Tanto AURORAS como ASTREA-ESTRELA significam o despertar, o iluminar a vida de escuridão da torre, o esclarecimento diante do capricho do poder e do desejo de Segismundo. Mais ainda, a figura de Rosaura, como “auroras” e “estrela” afirma o domínio do homem sobre os presságios dos astros e das estrelas. É a verdadeira luz do amor, em oposição ao interesse do poder encarnado pela prima de Segismundo e Astolfo, chamada também Estrela. O lado escuro de Rosaura encontra-se no desconhecimento de Clotaldo como seu pai, mestre oficial de Segismundo. A única relação de Segismundo com o mundo dos vivos se dá através de Clotaldo. A entrada em cena de Rosaura abre novos mundos tanto para Segismundo como para o próprio pai. Em definitivo, esta figura representa o renascer do belo da humanidade, do desejo de honra, do reconhecimento do outro como um ser de dignidade e justiça.

O terceiro e último elemento que entra na obra de Calderón é o povo que aclama Segismundo como autêntico rei. Segismundo sente uma nova paixão: a de servir ao povo com justiça e sem abuso de poder. O sábio Basílio, igualmente nome simbólico que em grego significa realeza, não foi realmente sábio ao seguir os presságios que definiam o destino. Também não foi rei ao deixar que os mesmos presságios mandassem em suas decisões. A verdadeira sabedoria consiste em seguir o povo e praticar a justiça e o bem, verdadeiro ideal e novo sonho abraçado por Segismundo:

No me despiertes si duermo,
y si es verdad no me duermas,
mas sea verdad o sueño.

obrar bien es lo que importa (versos, 2420-5).

Conclusão

Calderón apresenta uma obra de arte que fala das ações e paixões humanas. Apresentando a *vida como sonho* entrega uma moeda com duas caras, os claros-escuros da vida, as meias verdades, as meias mentiras. As revelações pelos sonhos são elementos presentes nas culturas. Basta lembrar como os sonhos eram considerados revelações dos deuses, fazendo com que os grupos utilizassem até alucinógenos para provocar sonhos-revelações, ou como na literatura bíblica, onde constantemente Deus fala revelando-se aos homens através de sonhos.

A obra de Calderón é também uma obra cheia de ousadia ao pôr em evidencia as verdades mais ocultas do ser humano que têm que ser conhecidas e aceitas. O homem tem que *sonhar* e fazer com que o sonho seja seu ideal. Uma sociedade que não seja capaz de sonhar cairá no tédio e na servidão. O sonho não é um engano fabricado ou desejado, mas um ideal a ser alcançado. Uma sociedade que não seja capaz de sonhar perde sua capacidade de transformação.

Por último, e de forma muito especial, Calderón enfrenta e critica a própria nobreza e a realeza lembrando-lhes o ideal de serviço ao povo e a necessidade de buscar as verdades mais dignas para serem vividas pelos que ostentam o poder. Sua crítica é valente. O rei não pode ser um reflexo no espelho como na pintura de Velázquez. O rei tem que ser a imagem e o significado mais claro para o povo. O rei se obriga a ser o espelho onde o povo possa olhar-se e saiba fazer justiça, viver em paz, buscar a verdade e servirem-se uns aos outros para serem donos de seus destinos e não seus escravos. O sonho não é o lado escuro da realidade, mas o ideal que pode ser alcançado. Se por um lado LA VIDA ES SUEÑO, não se pode negar realidade ao desejo de que EL SUEÑO ES VIDA.

ANEXO1: MONÓLOGOS DE SEGISMUNDO

Primeiro monólogo de Segismundo, cena II, versos 105-170

<p>¡Ay mísero de mí, ¡ay infelice! Apurar, cielos, pretendo, Ya que me tratáis así, qué delito cometí contra vosotros naciendo. Aunque si nací, ya entiendo qué delito he cometido; bastante causa ha tenido vuestra justicia y rigor, Pues el delito mayor del hombre es haber nacido.</p> <p>Sólo quisiera saber para apurar mis desvelos (dejando a una parte, cielos, el delito del nacer), ¿qué más os pude ofender, para castigarme más? ¿No nacieron los demás? Pues si los demás nacieron, ¿qué privilegios tuvieron que no yo gocé jamás?</p> <p>Nace el ave, y con las galas que le dan belleza suma, apenas es flor de pluma, o ramillete con alas, cuando las etéreas salas corre con velocidad, negándose a la piedad del nido que dejan en calma; ¿y teniendo yo más alma, tengo menos libertad?</p> <p>Nace el bruto, y con la piel que dibujan manchas bellas, apenas signo es de estrellas (gracias al docto pincel), cuando, atrevido y cruel, la humana necesidad le enseña á tener crueldad, monstruo de su laberinto; ¿y yo, con mejor instinto, tengo menos libertad?</p>	<p>Nace el pez, que no respira, aborto de ovas y lamas, y apenas bajel de escamas sobre las ondas se mira, cuando á todas partes gira, midiendo la inmensidad de tanta capacidad como le da el centro frío; ¿y yo, con más albedrío, tengo menos libertad?</p> <p>Nace el arroyo, culebra que entre flores se desata, y apenas, sierpe de plata, entre las flores se quiebra, cuando músico celebra de los cielos la piedad que le dan la majestad del campo abierto á su huida; ¿y teniendo yo más vida, tengo menos libertad?</p> <p>En llegando á esta pasión, un volcán, un Etna hecho, quisiera arrancar del pecho pedazos del corazón. ¿Qué ley, justicia ó razón negar a los hombres sabe privilegios tan suave excepción tan principal, que Dios le ha dado a un cristal, á un pez, á un bruto y á un ave?</p>
---	---

Segundo monólogo de Segismundo, cena XIX, versos 2150-2185

<p>Es verdad. Pues reprimamos esta fiera condición, esta furia, esta ambición, por si alguna ve soñamos: Y sí haremos, pues estamos en mundo tan singular, que el vivir sólo es soñar; y la experiencia me enseña que el hombre que vive, sueña lo que es, hasta despertar. Sueña el Rey que es rey</p> <p>Sueña el rey que es rey, y vive con este engaño mandando, disponiendo y gobernando; y este aplauso, que recibe prestado, en el viento escribe, y en cenizas le convierte la muerte, ¡desdicha fuerte! ¿Que hay quien intente reinar, viendo que ha de despertar en el sueño de la muerte?</p>	<p>Sueña el rico en su riqueza, que más cuidados le ofrece; sueña el pobre que padece su miseria y su pobreza; sueña el que á medrar empieza, sueña el que afana y pretende, sueña el que agravia y ofende, y en el mundo, en conclusión, todos sueñan lo que son, aunque ninguno lo entiende.</p> <p>Yo sueño que estoy aquí destas prisiones cargado, y soñé que en otro estado más lisonjero me ví. ¿Qué es la vida? Un frenesí. ¿Qué es la vida? Una ilusión, una sombra, una ficción, y el mayor bien es pequeño: que toda la vida es sueño, y los sueños, sueños son.</p>
--	---

ANEXO 2: AS MENINAS de Diego Velázquez



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENÍTEZ, José Aleu: **Filosofía y libertad en Kant**, PPU, 1987.

ARELLANO, Ignacio: **Historia del teatro español del siglo XVII**, Cátedra, Madrid, 1995.

BREHIER, Emile: **Historia de la filosofía**, Tecnos, Barcelona, 1988.

CALDERÓN DE LA BARCA, Pedro: **La vida es sueño**, edición de Ciriaco Morón, Cátedra, Madrid, 2011.

FOUCAULT, Michel: **Histoire de la folie à l'âge classique**, Paris, Gallimard, 1972

GRACIÁN, Baltasar. **A arte da sabedoria mundana**. São Paulo: Ed. Best Seller, s/d.

KANT, Immanuel: **Crítica de la razón práctica**, Círculo de Lectores, 1998.

MARAVALL, José Antonio: **Teatro y literatura en la sociedad barroca**, Crítica, Madrid, 1990.

ORTEGA, Juan Malpartida: **Claves de “La vida es sueño” de Calderón**, Ciclo Editorial, Madrid, 1990.

MONTAIGNE, Michel: **Essais III**, 5 Paris, Garnier-Flammariom, 1969

ORTEGA Y GASSET, José: **Ensayos escogidos**, Taurus Ediciones, 1996.

http://cervantesvirtual.com/bib_autor/Calderon